



REVISTA ELETRÔNICA  
**ANPHLAC**

|| número



## ÍNDICE

### **HISTÓRICO DA ANPHLAC**

Philomena Gebran

### **A produção bibliográfica sobre História da América no Brasil, nas duas últimas décadas do século XX.**

Heloisa Jochims Reichel

### **À Guisa de Introdução: Pesquisa sobre História da América Latina no Brasil**

Maria Ligia Coelho Prado

### **IHGB: importante centro de documentação sobre a América Espanhola**

Francisca Nogueira de Azevedo e Flavia Greco

3

7

10

13

# HISTÓRICO DA ANPHLAC

Philomena Gebran

No início da década de oitenta, mais precisamente, no ano de 1984 realizou-se em João Pessoa na Paraíba o Primeiro Seminário ou Congresso, exclusivamente, sobre História da América Latina no Brasil, organizado pela professora Ivanice Frazão de Lima e Costa da Universidade Federal da Paraíba. Foi aí que tudo começou. Importante lembrar, que um Congresso sobre História da América Latina era grande novidade no Brasil.

Pela primeira vez os professores de História da América Latina tiveram oportunidade de se reunirem, debaterem e se conhecerem. Muitos compareceram. Mas apenas um pequeno grupo reuniu-se, extra Congresso, para pensar a possibilidade de organizar ou um Grupo permanente ou uma Associação onde fosse viável discutir os problemas pertinentes ao ensino e a pesquisa em América Latina.

A intenção seria criar um espaço, onde os professores da área conseguissem estar sempre em contacto, para trocar informações sobre bibliografia, temas de aula e de pesquisa. A idéia seria mesmo manter e estreitar e não perder os contactos que foram feitos durante aquele primeiro encontro.

Assim, esse pequeno grupo começou a discutir, traçar algumas linhas das suas aspirações e do que seria importante levar à aprovação da Assembléia final do Congresso. Havia unanimidade entre todos, os que participavam do Congresso, quanto às dificuldades do ensino e, principalmente, da pesquisa em América Latina na Universidade brasileira. Portanto, não foi difícil aprovar a proposta do grupo na Assembléia, onde também, houve unanimidade. Mas, apesar de tudo, ainda dessa vez não conseguimos organizar uma Associação.

O grupo era constituído pelas profas. Ana Maria Martinez Corrêa, Maria Ligia Coelho Prado, Heloisa Hochimins Reichel, Silvia Petersen, Philomena Gebran e o prof. Manoel Lello Bellotto.

Pouco tempo depois desse Encontro, o resultado de uma pesquisa realizada pela CAPES trouxe a público, a péssima situação em que se encontravam os Cursos de História e a pesquisa sobre a América Latina no Brasil.

Dizia a CAPES: “a área de História da América Latina nas Universidades está tão defasada que, se não forem tomadas providências urgentes, em muito pouco tempo não haverá mais professores de História da América Latina nas Universidades brasileiras”.

Realmente, nossa área de conhecimento foi tão afetada, durante os anos da ditadura, que se encontrava completamente abandonada pelas Instituições. Durante todo o período em que o país viveu os anos de chumbo, o Brasil estava completamente de costas para a

América espanhola e, só ao se falar em América Latina já era visto como algo “subversivo”. E essa situação durou até os anos oitenta.

As publicações não chegavam ao país e tudo que dizia respeito à América Latina era censurado. Organizar uma bibliografia era coisa difícilíssima. Quanto ao ensino, havia pouquíssimos professores e, quanto à pesquisa, nem pensar, inexistia. Os professores da disciplina mantinham suas pesquisas em Brasil.

Logo, depois da ditadura o resultado da pesquisa da CAPES sobre a situação do ensino da América latina no Brasil revelava, exatamente nossa realidade. “Se não fosse tomada uma providência urgente, em pouco tempo, não haveria mais professores de História da América Latina nas Universidades brasileiras”.

Quando da realização da SBPC, realizada em Curitiba em 1986, tive a oportunidade de expor essa situação em uma Mesa Redonda, da qual participavam as profas. Maria Ligia C. Prado e Maria Helena Capelato.

Coincidentemente ou não, nesse mesmo ano fui convidada para trabalhar no CNPq como Superintendente da Área de Ciências Humanas. Na época, o CNPq estava interessado em realizar “Programas Especiais” nas suas diferentes áreas do conhecimento.

Assim, uma vez nesse cargo fiz a proposta, à presidência da Instituição e à Diretoria de Ciências Sociais e Humanas, para a criação de um “Programa Especial”, para América Latina com a finalidade de incentivar a pesquisa e, conseqüentemente, a formação de quadros docente e pesquisadores em História da América Latina.

O “Programa Especial”, para a América Latina consistia em um maior apoio das Instituições de pesquisa, CNPq e CAPES, aos Estudos e Formação de Pesquisadores para a área de História da América Latina. Devo dizer que o “Programa” era do CNPq, mas consegui o apoio da CAPES que prontamente decidiu apoiar o “Programa”, para salvar a área de América.

O “Programa” seria em caráter emergencial e propunha a criação de Bolsas especiais de pesquisa, Bolsas para Doutorado, Mestrado, Aperfeiçoamento e Iniciação Científica, auxílios de viagem ao exterior, Congressos, Seminários, especificamente em História da América Latina, durante cinco anos, com uma promessa de renovação por mais cinco anos e, assim por diante, até resolver o problema de carência da área.

A intenção era, reverter à situação apontada pela CAPES, e incentivar pesquisas e estudos em América Latina e Caribe. Uma vez alinhavado o “Programa Especial” seria necessário consolidar o mesmo. Para isso realizamos uma reunião no CNPq com a presença de professores/pesquisadores que trabalhavam com História da América Latina.

Estiveram presentes a essa reunião para discutir o “Programa” que deveria ser implementado imediatamente e requeria a participação de representantes da comunidade acadêmica, as professoras: Maria Lígia Coelho Prado, Heloisa Hochims Reichel e Geralda Dias. Todas apoiaram e aprovaram o conteúdo do “Programa” que foi

encaminhado em caráter de urgência à diretoria de Ciências Sociais e à presidência do CNPq.

Porém, enquanto aguardávamos a liberação da verba para a implementação do “Programa”, esgotou meu tempo no CNPq e eu deixei a superintendência de Ciência Humanas, para voltar à Universidade, e infelizmente, o “Programa” foi engavetado, e nunca chegou a ser implementado.

Porém, a idéia havia sido lançada e permaneceu para o grupo que participou da reunião, e outros profissionais da área, o que já havia sido pensado e planejado desde o Congresso da Paraíba, ou seja, alguma forma de ação para que o projeto não caísse no vazio.

Neste sentido, continuamos a discutir o problema, já pensando na criação de algo não institucional, ou seja, uma Comissão ou Associação, independente da Universidade e das Instituições de Fomento.

Surgiu então a idéia e a necessidade de recuperarmos o que havíamos pensado na Paraíba, ou seja, nos organizarmos e, nos reunirmos periodicamente, para trocarmos bibliografias, discutir nossas pesquisas, trabalhos, estudos e o ensino de América Latina, ministrado nas Universidades brasileiras.

Isso combinado passamos a nos reunir, sempre que possível, e em janeiro de 1992 fizemos uma reunião na USP, na qual estavam presentes as profas. Geralda Dias, Heloisa H. Reichel, Maria Lígia Prado, Philomena Gebran e o prof. Marco Antonio Villa.

Nessa ocasião, depois de algum debate, resolvemos agilizar um plano para a Associação e foi criado, inicialmente, um Comitê do qual todo o pequeno grupo faria parte e que seria coordenado pela profa. Heloisa H. Reichel encarregando-se a mesma de buscar recursos e viabilizar um local para a realização de um Encontro, que deveria ocorrer o mais breve possível, para a criação da Associação.

Assim, ficou criado o CONDEPHLAC (Comitê Nacional De Pesquisadores em História Latino Americana e Caribenha).

Imediatamente a Coordenadora da Comissão, solicitou recursos ao CNPq, para a realização de um Encontro que deveria ocorrer na Universidade de Mariana, Minas Gerais. Foi enviada correspondência a todos os professores de História de América Latina do País, convidando-os para o Encontro de Mariana, cuja finalidade seria a criação da Associação.

Em janeiro de 1993, finalmente, reuniu-se em Mariana o Comitê de São Paulo, fundador do CONDEPHLAC, e os professores convidados que seriam também, os sócios fundadores da Associação. Espero não esquecer ninguém. Estavam presentes por ordem alfabética os seguintes professores:

Alberto Aggio (UNESP), Ana Maria Martinez (UNESP –ASSIZ) Cecília Azevedo (UFF), Izabel (Gama Filho), Fátima Gouvea (UFF) Hector Bruit (UNICAMP), Heloisa Reichel (UFRGS), Lilia Medrano ( Católica de Capinas), Kátia Gerab (UFOP), Lina

Aras (UFBHA), Maria Helena Capelato (USP), Maria Lúcia Prado (USP), Maria Teresa Toríbio B. Lemos (UERJ), Philomena Gebran (UFRJ), Ronaldo Vainfas (UFF).

Esse grupo reuniu-se na Universidade de Ouro Preto, com Sede em Mariana; foram três dias de debate, sobre questões pertinentes à América Latina, elaboração de planos e estratégias a serem adotadas para alcançarmos nossos objetivos. No final do terceiro dia em uma Assembléia Geral sob os Portais seculares da Universidade de Mariana foi sacramentada, finalmente, a criação da Associação Nacional dos pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha, a nossa ANPHLAC.

Nessa mesma Assembléia foi elaborada a “Carta de Mariana” onde constavam os princípios que deveriam reger a Associação, principalmente, no que diz respeito a seus participantes, ou seja, participaria da Associação, exclusivamente, professores e pesquisadores, dedicados ao estudo da América Latina e Caribe. Porque para professores e pesquisadores de outras áreas, já tínhamos e temos a ANPUH. Deveríamos realizar um Encontro de dois em dois anos em cidades diferentes e de mais acesso à todos e eleger uma diretoria ,também, para o mesmo período.

Os princípios da “Carta de Mariana” constam dos estatutos da Associação, aprovados na primeira Assembléia geral, realizada no mesmo ano durante o Simpósio da ANPUH. A primeira Diretoria foi eleita em Mariana com a presidência de Philomena Gebran; a segunda com a presidência de Heloisa H. Reichel; a terceira com a presidência de Jaime Almeida; a quarta com a presidência de Maria Ligia C. Prado; a quinta com a presidência de Kátia Gerab Baggio.

Todos os presidentes, juntamente com suas diretorias, seguiram rigorosamente os princípios da “Carta de Mariana” realizaram Encontros bienais, com participantes que se dedicam ao estudo e pesquisa de História da América Latina, todos muito proveitosos e sempre com maior número de professores/pesquisadores. Assim, tivemos o primeiro Encontro no Rio de Janeiro. O segundo em Brasília. O terceiro em São Paulo. O quarto em Salvador. O próximo e quinto em belo Horizonte.

Vale acrescentar que desde a sua criação, a ANPHLAC vem crescendo em conceito e reconhecimento da comunidade acadêmica e, aumentando sensivelmente o número de sócios, o que é uma grande satisfação para nós que lutamos pela sua criação durante anos.

# **A produção bibliográfica sobre História da América no Brasil, nas duas últimas décadas do século XX.**

Helôisa Jochims Reichel

Uma das razões que motivou os professores de História da América de algumas universidades brasileiras a se reunir, em fevereiro de 1992, para dar o pontapé inicial à ANPHLAC foi a escassa oferta de obras publicadas no Brasil, relativas ao conteúdo da disciplina. A esta dificuldade, associava-se o reduzido, quando não ainda desatualizado, acervo das bibliotecas universitárias. Era comum, assim, que, nos cursos de graduação em História, principalmente no de universidades mais distantes dos principais centros culturais do país ou nos de recente criação, a temática latino-americana fosse ensinada através de uma bibliografia defasada, escassa e limitada. A pesquisa, por sua vez, também era restrita não apenas pela falta de acesso à documentação, mas pela própria dificuldade de se poder avaliar o estado geral da arte e, dessa maneira, problematizar temáticas relativas à história da América.

De uma maneira geral, os professores responsáveis pela disciplina formavam sua biblioteca com livros estrangeiros, os quais, freqüentemente, disponibilizavam a seus alunos. Difundia-se, então, o saber em âmbito restrito, limitado aos privilegiados que eram alunos deste ou daquele professor, desta ou daquela instituição melhor localizada ou equipada em sua biblioteca.

Tendo consciência destas limitações impostas ao ensino e à pesquisa em História da América, os fundadores da ANPHLAC, no Encontro de Ouro Preto, decidiram que dentre os objetivos da associação, estariam os de estimular a publicação de obras referentes à disciplina, no Brasil, divulgar as publicações recentes entre os associados mesmo que estrangeiras, e trabalhar no sentido de aumentar e atualizar o acervo das bibliotecas das universidades.

Passada quase uma década de atuação, cabe fazermos uma re-avaliação do quadro acima exposto, identificando os avanços alcançados, principalmente no que diz respeito ao primeiro dos objetivos citados e os problemas que ainda permanecem ou que surgiram na esteira da intensa transformação historiográfica que vivemos. Delimitamos nossa análise às duas últimas décadas por vários motivos, dentre eles a possibilidade de acesso a levantamentos de publicações por editoras e por área de conhecimento, a proximidade com o período de fundação da Anphlac e, principalmente, o crescimento significativo apresentado pela produção historiográfica brasileira neste período.

Focalizando os avanços alcançados no quadro das publicações, a primeira constatação diz respeito a uma alteração de ordem qualitativa mais do que quantitativa. Se retrocedermos às décadas de sessenta e setenta, verificamos que a maior parte das obras

produzidas e publicadas no Brasil sobre América Latina era de autoria de sociólogos, cientistas políticos ou economistas. Nesse sentido, as editoras publicaram um bom número de obras do sociólogo Octavio Ianni, do cientista político Fernando Henrique Cardoso e do economista Celso Furtado que tratavam da temática do desenvolvimento/subdesenvolvimento latino-americano. Dentre os historiadores, talvez apenas a obra de Ciro Cardoso e Hector Brignolli, *História econômica da América Latina*, mereça ser destacada.

A partir da década de oitenta, este quadro apresentou uma nova configuração, sendo que, nela, destaca-se o crescimento da produção historiográfica realizada por historiadores. Este fato deveu-se a dois fatores que se inter-relacionam, ou sejam: a profissionalização do historiador e o avanço da pesquisa no Brasil, fomentado pela implementação do Programa de Pós-Graduação no Brasil. Sobre eles, não vamos nos deter, pois, no que se refere à pesquisa, o tema foi bem analisado nas palavras da professora Maria Ligia Prado e, sobre a profissionalização, ela é, em grande parte, decorrente da valorização, para a contratação de docentes de História nas universidades públicas e privadas no Brasil, da titulação de nível de pós-graduação com curso na área de História. O certo é que, nos últimos anos, temos verificado um aumento significativo da edição de obras, de autoria de estudiosos e pesquisadores brasileiros, relativas à história da América. As editoras abriram espaço para a publicação de algumas teses e resultados de pesquisa que versam sobre a matéria, de livros que reúnem artigos de autores variados ou de um mesmo autor e, inclusive, de fontes para a produção historiográfica.

Talvez mais importante ainda, para o crescimento das publicações em história em geral, tanto quanto em história da América Latina em especial, tem sido o grande número de revistas acadêmicas, editadas pelos programas de pós-graduação. Os periódicos se constituem, atualmente, no mais importante canal de divulgação da produção acadêmica que vem se realizando sobre a temática latino-americana no Brasil.

No caminho aberto pela produção dos historiadores brasileiros, o interesse por temas e autores latino-americanos vem se fortalecendo no Brasil. Os próprios pesquisadores apresentaram, inicialmente ao seu público e, posteriormente, às editoras, obras clássicas e recentes, de autores de outros países, para serem publicadas. Com tudo isso, assistimos a uma crescente oferta de títulos sobre a América Latina no mercado editorial brasileiro das últimas décadas.

Nesta avaliação, entretanto, devem ser referidos alguns problemas que a publicação sobre temas relativos à história da América ainda enfrenta.

O primeiro deles diz respeito ao reduzido tamanho da mesma, se comparada com as demais sub-áreas da História, principalmente com os títulos referentes à história do Brasil. Apenas como exemplo, citamos o levantamento realizado por Fico e Polito no livro *A história no Brasil (1980-1989)* (UFOP, 1994), no qual apenas cerca de 10% das obras citadas vinculam-se a estudos latino-americanos. A maior parte das publicações ainda se constituem de artigos elaborados por pesquisadores que encontram, nas revistas acadêmicas e científicas, espaço para sua produção. Considerando este fator, temos que esta produção circula ainda em âmbitos restritos, de preferência acadêmicos, tendo dificuldade de se difundir a um público importante e maior que é o leigo ou, principalmente, àquele composto por docentes dos ensinos fundamental e médio. E,

parte como consequência disso, vemos, nos dias de hoje, a re-introdução de profissionais de outras áreas no mercado da produção e publicação historiográficas. Agora não são mais os cientistas sociais, mas principalmente os jornalistas que, com um texto dinâmico e atraente, têm atendido à demanda existente.

No que se refere à publicação bibliográfica, outro problema ainda se impõe. É o que podemos chamar de *publicação defasada*. No Brasil, as obras de autores estrangeiros são publicadas com grande atraso. Expressão desta característica, encontramos na publicação da coleção *Cambridge de História da América* (organizada por Leslie Bethel), cujos 10 primeiros volumes (hoje se estende até o número 14) foram publicados em inglês em 1984, em espanhol em 1992 e apenas há cerca de dois anos começaram a ser traduzidos e editados no Brasil.

Outros problemas podem ser ainda mencionados, alguns já anteriormente evidenciados, outros novos. Dentre os remanescentes, temos a presença dominante das histórias nacionais trabalhadas como unidades autônomas, o que dificulta uma compreensão e percepção da América Latina além de um mero espaço delimitado pela geografia física. Há, também, a predominância de edições de obras que guardam estreita relação, temática e de ano de publicação, com as chamadas *comemorações*. Assim, no período aqui focalizado, tivemos um grande número de publicações que ocorreram motivadas e por ocasião dos festejos do V Centenário do Descobrimento da América.

Uma característica nova que identificamos é a da fragmentação. Seguindo as tendências da produção historiográfica recente, os temas, os objetos, os períodos, os espaços tenderam mais ao micro do que ao macro. As análises das grandes estruturas generalizantes das décadas anteriores cederam lugar aos estudos mais delimitados e detalhados. Assim, encontramos um grande número de publicações que estudam a mulher, a família, a cultura popular, ou a violência, os jogos do poder, a literatura de viagem, apenas para citar alguns exemplos em termos de objetos e temas respectivamente. Estes estudos, por sua vez, não mais têm o objetivo de pensar a América Latina como unidade. Restringem-se a um espaço (localidade, região, cidade etc.) ou a um período geralmente reduzido. Mesmo assim as obras que, de maneira geral, têm reunido vários autores, de vários países ou regiões da América Latina têm contribuído, sem dúvida, para uma melhor compreensão da América Latina.

# À Guisa de Introdução: Pesquisa sobre História da América Latina no Brasil

Maria Ligia Coelho Prado

Muito já se tem escrito sobre a questão do distanciamento entre o Brasil e os demais países da América Latina. Afirma-se a admiração dos brasileiros pela cultura da Europa (e mais recentemente pela dos EUA), em contrapartida a uma postura de desconhecimento ou até mesmo de desprezo com relação à outra América, a de colonização espanhola. Tal visão traz desdobramentos de diversas ordens e repercute na esfera da educação.

Dentro do quadro institucional universitário, observa-se que a área de História da América Latina ocupa um lugar secundário. Como se sabe, em nosso país, existe uma tradição estabelecida desde o século XIX no que se refere à pesquisa em História do Brasil, que tem sido fortemente realimentada. Não se pode afirmar o mesmo no que diz respeito à pesquisa sobre História da América Latina. É sintomático que o primeiro manual escolar de História da América só tenha sido publicado em 1900, como resultado de um concurso público, patrocinado pelo governo republicano, no qual se inscreveu um único concorrente, o vencedor, Rocha Pombo. Continuando “essa tradição”, raros são, no presente, os manuais de história da América Latina, já que tal disciplina não faz parte dos programas do ensino médio no Brasil.

Dessa maneira, quando o aluno chega à universidade, constata-se seu enorme desconhecimento sobre a história e a cultura da América Latina. Quem não é capaz de discorrer sobre a Revolução Francesa, mas quem (além dos especialistas) já leu algo sobre a Revolução Mexicana? Ainda me surpreendo ao notar que as editoras brasileiras publicam um livro com uma temática tão específica, como *Montaillou, Povoado Occitânico de 1294 a 1324* de LeRoy Ladurie, mas *Los Grandes Momentos del Indigenismo en México* de Luis Villoro, que trabalha questões tão mais próximas, permaneça ignorado do público brasileiro.

Passando para o plano mais específico das práticas de investigação, não resta dúvida de que a opção pela pesquisa em História da América Latina supõe problemas de ordem imediata que se traduzem em dificuldades maiores; é imprescindível uma viagem ao exterior para a coleta de fontes empíricas, não sendo fácil, também, o levantamento e o acesso à bibliografia sobre o tema a ser trabalhado.

Quero mencionar outro problema, este de ordem epistemológica. Muitas vezes identificam-se os estudos sobre a América Latina como sendo demasiadamente tradicionais ou ideológicos e imaginando-se – de forma totalmente equivocada – que novas abordagens, novos campos, novos objetos não se coadunam com a historiografia latino-americana. Isto se deve, em parte, ao fato de as gerações dos anos 60 e 70 terem se formado com base em um certo padrão de leituras sobre a América Latina. Naquele

momento, se elegeu a teoria da dependência como a grande explicação para se entender as realidades latino-americanas, concepção (hegemônica entre a intelectualidade de esquerda da época) divulgada por sociólogos, cientistas políticos e economistas. Pensada como um todo homogêneo, a América Latina, pobre e subdesenvolvida, era apresentada como vítima da exploração do colonialismo e posteriormente dos imperialismos britânico e norte-americano, propondo-se como solução para seus males a revolução socialista. Creio que esta foi, no período contemporâneo, uma primeira tradição elaborada na área de estudos latino-americanos, marcando até o presente uma certa maneira de ver a América Latina.

Essas leituras que carregavam forte apelo político-ideológico tiveram o poder tanto de atrair quanto de repelir prováveis interessados. É possível notar, nos anos subsequentes, uma nítida aproximação entre os acontecimentos políticos e as escolhas pelo estudo da América Latina. Nos anos da ditadura, as menções à história contemporânea latino-americana eram sempre entendidas como perigosas (o exemplo mais radical era a impossibilidade de se tocar em qualquer questão relativa à Cuba), dificultando ainda mais a pesquisa e a comunicação com o público. No começo dos anos 80, já com a ditadura em declínio e a “abertura” se iniciando, numa direção oposta à anterior, a vitória Sandinista despertou grande interesse entre os alunos que passaram a buscar conhecer a história da Nicarágua. O mesmo acontece hoje com a Frente Zapatista de Libertação Nacional de Chiapas, tendo à frente o carismático (e internauta) subcomandante Marcos.

Essas são algumas questões preliminares para se entender o baixo número de pesquisa – mestrados e doutorados – que tratam da história dos países de colonização espanhola na América. De todo modo, se tomarmos os últimos 30 anos, é possível notar avanços consideráveis. Aumentou o número de dissertações e teses defendidas, cresceram as publicações na área (tanto de autores brasileiros, quanto de estrangeiros), desenvolveram-se núcleos de pesquisa continuada com o engajamento de jovens pesquisadores. Até pouco tempo atrás, era regra geral encontrar nas universidades docentes que ensinavam História da América, mas não realizavam pesquisa no campo. No presente, encontram-se crescentemente professores/pesquisadores de História da América. Recentemente, aconteceram alguns concursos de seleção de docentes – como na UNESP campus de Assis, na UNESP campus de Franca, na UNISINOS – que exigiram como condição primeira de inscrição que o candidato fosse pesquisador na área.

Finalmente, creio que os Encontros da ANPHLAC têm demonstrado a trajetória ascendente dos estudos latino-americanos no Brasil. A Associação está cumprindo os objetivos propostos quando de sua fundação, quais sejam, estimular e divulgar as pesquisas na área, promover a troca de experiências entre os especialistas da área, incentivar contatos entre grupos de professores de diversas partes do país.

Se me permitem um depoimento pessoal, fazendo uma comparação entre 1975, quando iniciei a docência na disciplina de História da América Independente - praticamente autodidata, pois jamais tive aulas sobre o período independente - e a situação do presente, não posso deixar de assinalar um avanço em nossa área. Entretanto, o caminho à frente é ainda longo, dependendo, em grande parte, de nosso próprio esforço e dedicação.

Departamento de História - Universidade de São Paulo.

# IHGB: importante centro de documentação sobre a América Espanhola

Francisca Nogueira de Azevedo

Flavia Greco

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi fundado em 21 de outubro de 1838. Filiado à Sociedade Auxiliadora, ganhou autonomia, quando D. Pedro II aceitou o título de seu protetor. O Imperador abrigou o Instituto nas dependências do Paço Imperial, fez grandes doações em livros e documentos, além de financiar pesquisas nos arquivos provinciais e da Europa.

Quando foi feito o levantamento da documentação (1998) para o projeto de pesquisa que vem se desenvolvendo no âmbito do PEA (Programa de Estudos Americanos), UFRJ, os documentos datavam de 1604 a 1988. A biblioteca possui duas cópias de documentos do ano de 1416. O acervo inclui livros e periódicos nacionais e estrangeiros na área das ciências humanas e sociais, especialmente literatura do século XIX, totalizando 320.000 volumes. Possui ainda, 116.485 documento de natureza escrita. No arquivo, a documentação escrita constitui-se de papéis avulsos, que vão integrar a coleção do Instituto, arquivos particulares, uma coleção de documentos navais e códices. A documentação impressa compõe-se de periódicos, relatórios, folhetos e manifestos, sendo a maioria integrada aos arquivos particulares.

Os periódicos antigos constituem uma sessão à parte (desvinculados dos arquivos particulares e avulsos). No arquivo, há 396 periódicos catalogados, 8.200 peças e 31 álbuns com documentação iconográfica e 360 metros lineares de documentação escrita (medida de 1972). A biblioteca guarda documentos originais da escravidão, referentes a Angola, Moçambique e África. Nela também merece destaque a hemeroteca, que reúne jornais antigos (tal como o *Correio Braziliense*). O arquivo dispõe de um catálogo geral de documentação escrita, iconográfica e periódicos..

Enquanto a maioria dos acervos do Rio de Janeiro é muito restrita em fontes sobre a história América espanhola – exceção feita ao arquivo do Itamarati que contem ampla documentação sobre relações internacionais – o IHGB abriga ampla e variada quantidade de fontes histórica sobre os países hispano-americanos, provavelmente resultado de uma diplomacia pragmática que desde os meados do século XIX procurou incentivar o intercâmbio com outras instituições americanas e passou aceitar em seus quadros intelectuais de outros países do continente como os argentinos Ramon Carcano e Julio Fernandez e os uruguaios José Salgado e Lucas Ayrragaray.

Por outro lado, o advento da República e, posteriormente, os conflitos mundiais ascenderam sentimentos de patriotismos e colocaram em pauta questões continentais onde o Brasil se apresenta como principal dialogador com o norte na discussão dos problemas que afetavam a América Latina. Dentro deste contexto é que se organiza o Congresso Internacional de História da América ( 7 a 15 de setembro de 1922) com o objetivo de buscar elos de identidade e intercâmbio entre o Brasil e as outras nações do continente.

Quanto a documentação hispano-americana o IHGB oferece um acervo precioso, tornando-o um centro referencial necessário para pesquisa sobre América Espanhola. É um dos maiores e talvez o mais valioso conjunto documental que podemos encontrar sobre o assunto, especialmente quando nos referimos a região do antigo Vice-Reino do Rio da Prata, ou seja, Argentina, Paraguai e Uruguai

A documentação é de origem escrita, impressa, iconográfica e cartográfica. Incluiu livros nacionais e estrangeiros contabilizando um acervo com total de 3530 títulos. Os documentos em sua maioria datam do século XVIII e XIX. Incluiu várias obras de referência como dicionários geográficos e biográficos; Coletâneas documentais, que tratam em geral de papéis referentes ao processo de independência da América, principalmente sobre a região do Rio da Prata, como Atas de Cabildos e Audiências e Memórias das principais lideranças.. O IHGB contém grande parte da documentação selecionada e publicada pelo Museo Historico Nacional da Argentina.

A histórica diplomática tem lugar privilegiado, talvez por contar o Instituto entre seus membros com vários diplomatas historiadores. As questões de fronteira são vastamente documentadas contando tanto com papéis referentes aos conflitos quanto com os relativos à demarcações e tratados delimites desde dos primórdios da colonização. A Colônia do Sacramento e a Guerra Cisplatina contam com enorme variedade de documentos, especialmente correspondências como as do Marquês do Herval, Visconde de Tamandaré, Marques de Caxias, etc.

As obras impressas, em sua grande maioria, fazem parte da historiografia produzida entre os anos vinte e cinquenta deste século, realizadas geralmente por intelectuais influenciados pela tradição historiográfica liberal que incentivou a produção de Histórias Nacionais ou biografias sobre os “construtores” da nação.

No âmbito deste artigo destacar-se-a desse universo documental a Coleção General Osório (Manuel Luiz Osório – Marques de Herval) que reúne especialmente a correspondência do General que está classificada da seguinte maneira: Cartas Ativas; Cartas Passivas; Cartas Particulares. Pode-se ainda encontrar nos fundos dessa coleção, memorandos entre oficiais e/ou entre os chefes militares e os respectivos governos, como também interrogatório de prisioneiros de guerra e estratégias de combate etc. Outro conjunto documentos do General Osório encontra-se no Arquivo General Osório, o qual se compõe de documentação privada, que agrega vários tipos de fontes, e que foi doada ao IHGB pela família.

O trabalho de pesquisa para classificação e transcrição da correspondência do general Osório, arrolou. numa primeira etapa um total de 400 correspondências ativas assim classificadas: 289 Cartas; 59 Ofícios; 7 Telegramas; 5 Circulares; 3 Bilhetes; 2 Cartas

Circulares; 7 Minutas; 1 Nota Avulsa; 1 Autógrafo; 18 Rascunhos de cartas; 5 Rascunhos de Ofícios; 1 Rascunho de Discurso; 1 Trecho de Carta; 1 Ordem do Dia.

Para este artigo selecionou-se 27 cartas escritas pelo General Osório para a mulher, Francisca Fagundes Osório, de fevereiro a dezembro de 1867. Nesta época, o General Osório estava no comando do exército brasileiro na Guerra do Paraguai e ao lado de preocupações de ordem familiar o general narra o cotidiano no *front* de batalha e revela importante retrato histórico da guerra.

Numa primeira leitura das cartas à Chiquinha – tratamento que Osório dá a esposa – observa-se excessiva preocupação do general com problemas de ordem financeira. A mulher aparece como uma espécie de gerente das finanças. Ela é responsável não somente pela administração das despesas domésticas, mas também pela prestação de contas que o General deveria fazer do dinheiro que recebia para o suprimento do exército. De Alegrete, em fevereiro de 1867, comunica a mulher: *A copia inclusa juntaras com os papeis q. ti dei e recomendei são documentos p. ajuste dia contas com a tesouraria dia 50 contas q. recebi p. a compra dia cavalo.* Em abril do mesmo ano novamente lembra a esposa sobre a prestação de contas: *Pelo Zimão Viana ti escrevi e agoira ti mando a gastarão (...) dos quatro contos dia reis q. me faltava p. a ajuste dia contas com a tesouraria dos seiscentas (...) contos q. recebi em Porto Alegre p. a compra dia cavalos guarda este papel com o nosso (...) recibos q. demandei pelo Zimão.*

Em quase todas as cartas o General faz menção a remessa de dinheiro à família e a forma de aplica-lo : *Pelo Dr. Gama Lobo ti escrevi e remeti uma parte do meu soldo q. me sobrou... O pouco dinheiro q. tens deve conservar p. a algum apresso dia doença... não se compre gado por oras e vamos acabar dia pagar as dividas*

Em geral, a correspondência familiar é um espaço propício para expansões afetivas, no entanto, General Osório é muito parcimonioso neste tipo de manifestação. Embora, sistematicamente lembre dos filhos, sua maior expressão de afeto encontra-se na frase com a qual finaliza suas cartas: *Saudades aos amigos e abençoação dos nossos filhos e te envio um abraço saudoso Ten. Osório.*

Na verdade, esse temperamento pouco expansivo e até mesmo cerimonioso é confrontado quando Osório deixa escapar certa ternura ao buscar presentes para família: *..a ti uma rede Paraguay hum pouco dia Po de arros a Manuela, e uma corneta Paraguay ao Xico...* Francisco e Manuela são sem dúvida seus filhos prediletos, em várias cartas se refere aos dois, demonstrando especial cumplicidade com a Manuela.: *Pelo Zimão mandei duas libras ao Bico p. comprar papel p. a mi escrever... O Sr. Caxias mandou me alguns oficiais e hum batalhão não tenho tempo para escrever para Manuela... O doutor Gama será o portador, porquem ti remeto cincaenta moedas de 20000rs, doze onças para a Manuela e uns papeis de cinco mil reis para Chico... Pelos jornais via a chegada ahi do Dr. Gama Lobo e portanto ja ele te terá entregado o dinheiro que te mandei e a Manoela e os papeis do Xico dis a Manoela e a Xico que não respondo as suas cartas porque esta fazendo muito calor creio que o meio mais facil de mi escrever com segurança é mandarme as cartas por via do amigo Ricardo do banco Mauá.. Muito agradesso a Manoela as suas cartas de boa filha, tenho hum relógio para mandarlhe*

Em tempos de cólera, peste que flagelava os exércitos aliados as notícias de casos da doença a cidade deixa o General apreensivo em relação a saúde da família, e em 3/04/1867 escreve a D. Francisca: *fiquei muito assustado di estar por ahi a peste e talvez fosse melhor saires p. a casa do (...)*

Entretanto, esse produção epistolar mais que o homem revela o militar, orgulhoso de seu ofício, patriota apaixonado por sua missão. Na correspondência à Chiquinha não se encontra o marido ou pai, mais um soldado que assina suas cartas como Tenente Osório. Não há nelas o gosto pela conversação descontraída, nem erotismo, ou jogo de sedução. Não há ternura, não há revelações da intimidade familiar. Suas epístolas são “ordens do dia” são registros do cotidiano, anotações, prestações de contas.

Em última análise, o que mais se define nesse conjunto de cartas é uma preocupação com a guerra. Nem mesmo o calvário de quase um ano decorrente de um ferimento na perna fragiliza o general cuja a principal queixa é o impedimento de montar a cavalo, afastando-o da participação efetiva no comando da infantaria: Em 27 de fevereiro já envia a D. Francisca notícias do ferimento na perna: *Já ti escrevi deste lugar e inda agora faço p. dizerte q. vou melhor di m. perna..* .Dois meses depois novas notícias: *Vou melhor da minha perna como muito e dormo bem quando o canhão não me estorva...ontem veio o general...mais dois médicos abrirão uma fenda na perna e me prometeu os Srs da comição que assim muito adiantaria minha cura* A melhora parece que não veio: *Estive m.to doente da perna já estou bom a dois dias monto a cavalo...a minha perna tem tido alternativas não gosta que eu ande a cavalo ...*Embora insista em sua recuperação volta a queixar-se: *Tive m.to doente da perna porem estou quase bom...Dois dias depois...É verdade que tenho sofrido di minha perna porem esta desinflamada e nela tenho um fenda.. quando é muito preciso ja não ando di cavalo.* Na última carta do conjunto datada de 4/12 o general parece mais animado: *Estou quase bom da perna e engordando.*

No ano em que o general Osório escreve as cartas – 1867 - o exército aliado passa momentos difíceis, em virtude da crise política gerada pela derrota na Batalha de Curupaiti, considerada a pior derrota da guerra. Um mês depois da derrota, outubro de 1866, Bartolomeu Mitre então presidente da República Argentina, passa o comando das forças aliadas ao marechal Luis Alves de Lima e Silva, então marquês de Caxias. Em novembro, ocorre um levante montonero na argentina contra a Mitre, por causa de seu fracasso nas tentativas de terminar o conflito.

Após a batalha de Curupaiti, aliados e paraguaios permaneceram entrincheirados por quase um ano. Osório escreve quase diariamente para esposa e de forma quase jornalística narra o desenrolar dos acontecimentos que na verdade é a expressão de uma visão particular da guerra: *...A 25 de M.ço passei o uruguai vamos sem novidade e tive notícias do Sr. Caxias...No dia três do mes de abril dois mil homens da cavalaria inimiga a força que temo em São Solano o inimigo foi completamente derrotado deixando no campo quinhentos mortos e 92 feridos inclusive o major Dinart...porem tudo ia bem por ca...o Visconde de Porto Alegre mandando a 24 de abril uma força atacar outra maior do inimigo sofreu afinal uma perda de quatrocentos homens fora de combate e neça foi morto o major Vasco e.....o Astrogildo....A cavalaria do inimigo esta muito mal montada o velho coronel Fernandez foi eroi do dia 3 de abril.* O general não esconde sua admiração e apreço por Caxias: *O Marques de Caxias anda tao agil como nunca o vi a ultima derrota que o inimigo sofreu em 2000 homens de cavalaria*

*deve ter incomodado Lopez porque foi na sua melhor tropa que é cavalaria e deixou em noço poder mortos e prisioneiros mais de 600 homens.*

As vitórias das forças aliadas animam o General, e mesmo sentindo a perna não quer deixar o “teatro da guerra”: *... não fui a Montevideo, Buenos Aires ou Corrientes tendo voltado ao teatro da Guerra e trazendo ainda 4 mil patricios não tenho animo para os deixar, porem se o mal se agravar procurarei reforços....*

Algumas vezes parece que Osório não está escrevendo para outra pessoa, sua correspondência é quase um monólogo, e como ele ao escrever estivesse refletindo sobre a guerra e sobre as estratégias do inimigo: *... muito risco esta posta o citio a Lopez mas par isto tem avido alguns combates sanguinolentos o inimigo foi atacado no 1.o e 2.o do Com... em Priero Ovelha contra o Rio Paraguai pelo norte de Humaita o inimigo perdeu dois vapores e setecentos homens nos tivemos ali quatrocentos fora di combate a maior parte ferido.. Narra obsecadamente a guerra: ... no dia 3 uma força inimiga atacou de surpresa o Porto (...) e podi entrar nas trincheiras de Tuyuti pelo lado dos argentinos (...) ..comandado pelo navio Brigada Vitorino e então o inimigo foi reforçado, tivemos 800 homens fora de combate e o inimigo ... Lopez quis por em condições di vencedor.... Os paraguaios parecem algo acovardados depois que começamos as operações temos lhe morto 7000 homens e tido fora de combate 50 pouco mais ou menos e muita fortuna a noça esquadra anda bombardeia Humaita porem creio q. por ali não paça por q. não e possivel e só por um citio se vencerá entretanto lhe são distroçados sempre q. saem a campo...*

A correspondência permite o leitor acompanhar um dos momentos mais críticos do conflito e seu desenlace. Em carta de 13 de abril General Osório começa anunciar a paulatina derrota das forças paraguaias: *.. o inimigo foi rechaçado deixando dois mil e tresentos mortos porem tem tempo di roubar o que pode... surpreendido Lopez esta a tres dias reduzindo as suas trincheiras... Humaitá esta muito estragado di noças bombas da esquadra... No dia 29 escreve: depois do ataque de 3 (...\_) cavalarias com as do inimigo tivemos outro a 21e no q. al o inimigo teve for a di combate como mil homens deixando no campo mortos mais de 500, afim e q. as nossas com. as do 2º e 3º corpos de exército tem continuado feliz.*

Do acampamento de São Carlos em 24 de maio esbanja alegria ao contar a comemoração da batalha de Tuyuti: *Faz hoje um ano q. a batalha maior da América teve lugar no Paraguay e eu ti escrevo ao som da musica com q. a juventude de minha patria, di q. (...) este exercito festeja alegre e faz votos de amor pelo seu general espero em deus ainda mi proteja a em prol da gloria de nosso país.* A euforia da possível vitoria torna-se expressa nas últimas cartas: *estou acabando di passar para Tuyuti, parece que aquelle exercito esta muito contente da nossa chegada, deos queira que seja para a felicidade de todos e especialmente da Patria... marchamos a contornar o inimigo pela esquerda a 31 acampamos (...) por este lado em q. elles estão tão bem fortificados ate hoje o inimigo temperdido 300 homens pouco mais pou menos e nos 5 mortos e 30 feridos... Hoje ouvi ataque da nossa esquadra a Curupaiti inda não sei o q. ouve as nossas partidas tem ido atras de humaita mais tres leguas*

Não houve renovação alguma nos esforços de avanço até julho de 1867, quando a força aliada retoma o movimento com o intuito de cercar a grande fortaleza fluvial de Humaitá que bloqueou o acesso do rio Paraguai e a capital - Assunção. Ainda em julho

Tuiu- Cuê é ocupado. .No início do mês de agosto, é a vez de Humaita ser tomada. Em 15 do mesmo mês, encorajados forçam a passagem de Curupaiti iniciando as primeiras ações contra Humaitá que ficará completamente destruída em novembro.

Osório reconhece a capacidade de resistência dos “inimigos” e reclama da necessidade de mais soldados: *Lopes mandou fazer um ataque as nossas trincheiras de Tuyti ...os inimigos tem sofrido muitas perdas... porem(...) ser absoluto porque pelo norte de Humaita ...pelo chaco com asua campanhas.....precisamos mais força para a guarnição de tão longa extensão* Em outra correspondência novamente menciona a necessidade de reforço: *não estamos ao norte deste forte por q. precisamos concervar huma gr.de linha p.a ter o (...) é preciso mais genti.. ( inimigo0 torna mais forte suas trincheiras estão citiados mais creio que ainda tem mantimentos e que receberão alguns pelo chaco si cre que pretendão atacar algumas de noças forças que citio*

As doenças, segundo General Osório, são flagelo igual as grandes batalhas. Em meados de março de 1867 o cólera se intensifica no exército aliado, havendo registros de que no mês de maio existiram ao todo, 13.000 brasileiros hospitalizados. Osório registra: *Ainda não perdi um homem de molestia...* Entretanto, logo depois consternado comenta com a mulher: *E com o desgaste di ter perdido o tenente coronel Alencastro de cólera a... hi também verdade que a outras pestes como colera que mas tem levado for a gente como o coronel Bello, e Alencastro... inda si não lembrou de mim e espero que me deixara viver ao menos atendendo as oraçoens di santa gente e principalmente pelas tuas.. pois tinha parado* Em fins de abril anuncia o fim da peste mas revela a existência de outras doenças: *:por causa do colera estar no nosso exercito e no inimigo porem ja acabou o flagelo que nos custou em homens uma grande batalha eu aqui vim ter tres sosdados mortos di molestia (...) tenho doentes e a maior parte venerio*

Em sua correspondência General Osório como bom soldado não lamenta as augúrias do cotidiano da guerra. As críticas são apenas para o calor as moscas e o preço da alimentação dos cavalos: *...recebi suas cartas e esta sem resposta porque as moscas e o calor não me deixam escrever.... calor não me deixa escrever e moscas mi atrapalhão.. Neste país não si pode andar a cavalo senão tratando m.to os cavalos da artilharia por hiço o inimigo tem (...) a sua cavalaria e a noça se sustenta dando-se 200rs por uma libra de milho e 250 rs por uma de alfafa*

Discretíssimo quanto aos problemas políticos e disputas no interior do exército, em apenas uma carta o General deixa transparecer suas críticas: *Não me falta o que fazer q. anoitece estou morto dia cansado.....por um lado a dia moralização dos povos e por outra os contrários a política tem me impedindo de fazer mais serviços*

Como Osório vinha antecipando, no início de 1868 os acontecimentos já anunciam o fim da guerra. Em janeiro Mitra transmite a Caxias definitivamente o comando do exército da Tríplice Aliança e volta a Buenos Aires, um mês depois estoura uma rebelião no Uruguai e o general Flores é assassinado. Todo o ano de 1868 as forças aliadas obtém enormes sucesso e em dezembro o exercito paraguaio esta praticamente aniquilado.

Nas últimas cartas do ano de 1867, talvez o cansaço e a solidão dos acampamento, a perda dos amigos e comandados abrande o asséptico temperamento do general que é

capaz dedicar a mulher expressões mais carinhosas: *querida esposa* ou ao invés de Tenente Osório, *esposo Osório*.

Entre muitas coleções, arquivos particulares, obras historiográficas, iconográficas etc., o IHGB oferece ao historiador um infinito de possibilidades históricas. Finalizando, é importante reforçar que para qualquer investigação sobre história da América espanhola é indispensável a consulta aos arquivos do IHGB.

Professora de História da América Latina – Dept. de História. IFCS/UFRJ.

Flavia Greco, Auxiliar de Pesquisa (bolsista PIBIC/UFRJ).

Para mais informações ver: Guia Preliminar de Fontes para a História da Educação Brasileira. Coord. Clarice Nunes, Brasília: INEP, 1990.

Ver Lucia Maria Paschoal Guimarães. Um olhar sobre o Continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 10 (20): 217-229. 1997.

Biografias do General Osório encontradas no arquivo do IHGB: Pentiado, José Ferraz de Sampaio. O General Osório. São Carlos; s/ed, 1924 e a escrita pelo filho Fernando Luiz Osório. História do General Osório. Rio de Janeiro; s/ed., 1894.